

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTEDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gustavo Roberto de Lima

**DO QUEER AO CU: INTER-RELAÇÃO ENTRE JUDITH BUTLER E PAUL BEATRIZ  
PRECIADO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos.

Juiz de Fora  
2018

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Gustavo Roberto de Lima**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201572125A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**Do QUEER ao CU: Inter-relação entre Judith Butler e Paul Beatriz Preciado**”, desenvolvido durante o período de julho de 2017 a julho de 2018, sob a orientação do professor doutor Raphael Bispo dos Santos, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

**Gustavo Roberto de Lima**

Marcar abaixo, caso se aplique: Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou (x) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

## DO QUEER AO CU: INTER-RELAÇÃO ENTRE AS OBRAS DE JUDITH BUTLER E PAUL BEATRIZ PRECIADO

Gustavo Roberto de Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esse artigo se propõe a teorizar o queer analisando as obras de duas grandes autoras, Judith Butler e Paul Beatriz Preciado, buscando evidenciar os pontos de intercessão e de divergência entre as teóricas, os questionamentos e propostas que sugeriam para os estudos de gêneros, sexualidades e identidades e de que maneira suas obras contribuíram para o pensamento queer. *Problemas de Gênero* e *Manifesto Contrassexual* são as obras que serão contrapostas durante o estudo por apresentarem grande relevância nos estudos de gêneros, sexualidades e identidades, além de terem contribuído para inúmeros movimentos contra hegemônicos. O autor deste trabalho busca colocar em discussão muitas das questões pertinentes ao estudo das teóricas e também da teoria queer. Tentado a facilitar o estudo daquelas e daqueles que pretendem iniciar o estudo das teorias identitárias, sexuais e de gêneros oferecendo um texto simples e bastante resumido, mas que pode oferecer um arcabouço bastante útil e ainda suscitar a vontade de saber.

**PALAVRAS-CHAVE:** Queer; Políticas Anais; Identidades; Gêneros; Sexualidades.

## FROM QUEER TO ASS: INTER-RELATIONSHIP BETWEEN JUDITH BUTLER AND PAUL BEATRIZ PRECIADO WORKS

Gustavo Roberto de Lima<sup>2</sup>

**ABSTRACT:** This article aims to theorise the queer analyzing the works of two great authors, Judith Butler and Paul Beatriz Preciado, seeking to highlight the points of intersection and divergence between the theoretical questions and proposals suggested for studies of genders, Sexualities and identities and how his works contributed to the thought queer. "*Problemas de Gênero*" and "*Manifesto Contrassexual*" are the works that will be met during the study by feature great relevance in studies, Sexualities and gender identities, and have contributed to numerous moves against the hegemonic. The author of this work seeks to put in a lot of discussion of issues relevant to the study of theory and queer theory. Tempted to facilitate the study of those and those which want to start the study of the theories of identity, gender and sexual offering a simple and fairly summarized text, but it can offer a useful framework and still raise the will to know.

**KEYWORDS:** Queer; Anal Policies Identities; Genres; Sexualities.

*On ne naît pas femme: on le devient.*  
Simone de Beauvoir, 1946

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos.

<sup>2</sup> Graduating in Human Sciences from the Federal University of Juiz de Fora - UFJF. Paper presented to the Interdisciplinary Bachelor in Human Sciences as a partial requirement to obtain a Bachelor's degree. Advisor: Dr. Raphael Bispo dos Santos.

## NÃO SE NASCE QUEER, TORNA-SE

Como afirmara Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, “não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1970). Nós também não nascemos queer, muito menos, gay ou hétero. Aprende-se, da mesma forma, aprende-se a respeitar as diferenças. Esse trabalho final, além de tratar dos textos base, *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*, de 1990, e *Manifesto Contrassexual*, de 2002, tem como principal objetivo proporcionar o estranhamento das identidades ditas naturais e mostrar que somos todos diferentes.

São, justamente, nossas diferenças que nos tornam únicos, devendo ser valorizadas, respeitadas e garantidas pelos meios jurídicos e constitucionais. Ainda mais no contexto brasileiro contemporâneo em que não temos conseguido garantir os direitos humanos basilares e o pleno exercício da cidadania para inúmeros grupos e indivíduos.

O artigo nasce, então, como um aprendizado para o estranhamento do que se apresenta como “normal” ou “natural”, e para além, tentar abarcar todas e todos aquelas e aqueles que são invisibilizados. Esse texto busca se fazer gay, lésbico, bissexual, travesti, transexual, intersexual, S&M, dialogando todas e todos as e os demais que aqui quiserem se inserir e contribuir para o saber.

E onde está o cu nessa teoria? Na verdade, o cu já está em todos nós. Quem não tem cu? Essa parte do corpo capaz de dar prazer, mas que também é mais abjeta, quem aqui não lembra daquela famosa frase, nas eleições de 2014? “Aparelho excretor não reproduz”<sup>3</sup>, então penso, já que não reproduz, produz. Porque, então, não pensar o queer, a cuir como pronunciada em português, enquanto teoria cu, como sugere Larissa Pelúcio, seu artigo.

Assumir que falamos a partir das margens, das beiras pouco assépticas, dos orifícios e dos interditos fica muito mais constrangedor quando, ao invés de usarmos o polidamente sonoro queer, nós assumimos como teóricas e teóricos cu. Eu não estou fazendo um exercício de tradução dessa vertente do pensamento contemporâneo para nosso clima. Falar em uma teoria cu é acima de tudo um exercício antropofágico, de se nutrir dessas contribuições tão impressionantes de pensadoras e pensadores do chamado norte, de pensar com elas, mas também de localizar nosso lugar nessa “tradição”, porque acredito que estamos sim contribuindo para gerar esse conjunto farto de conhecimentos sobre corpos, sexualidades, desejos, biopolíticas e geopolíticas também. (PELÚCIO, 2014)

Quando levei o tema queer para meu orientador, sua sugestão foi para que eu fizesse uma relação entre a teoria queer e os textos de Judith Butler e Paul Beatriz Preciado, dois grandes expoentes que contribuem para o pensar no queer. Ou seja, me sugeriu buscar evidenciar o que há de queer nas duas autoras, e também em que pontos elas concordavam e discordavam, evidenciando seus principais conceitos que foram absorvidos pelas (os) teóricas (os) queer.

Ou seja, esse é o trabalho de um veadinho que busca antes de tudo descobrir o que é o queer, conhecer mais, nessa incansável vontade de saber, quem são e como pensam essas

---

<sup>3</sup> Frase dita pelo candidato à presidência, Levi Fidelix, durante debate eleitoral, quando questionado, pela então também candidata, Luciana Genro, sobre suas medidas para a defesa da comunidade LGBT. Em resposta, além da execrável frase, Fidelix, apela para a promoção do discurso de ódio contra a diversidade sexual e de gênero.

duas grandes autoras<sup>4</sup> e a influência de suas obras para as (os) demais teóricas (os) contemporâneos. Cheguei, depois de algum tempo, após concluir a leitura das obras, a uma conclusão sobre o que há de queer nas obras.

Posso dizer, já de imediato, que tudo ali me parece queer. Não que elas se intitulem queer, ou que se usem do termo, mas porque acredito que o queer seja o questionamento, o diferente, o que busca subverter, contrapor, e nesse ponto, as duas obras, *Problemas de Gênero* e *Manifesto Contrassexual*, trazem questionamentos, de sobra para a “matriz heteronormativa”<sup>5</sup>.

Uma primeira impressão que me ocorreu ao colocar lado a lado os dois livros usados para essa reflexão foi a cor laranja avermelhada das capas, de ambos, que nos rouba a atenção, mesma atenção que vem recebendo as identidades, os gêneros e as sexualidades, seja por parte das (os) teóricas (os), bem como de setores conservadores, que tentam voltar esses termos para seus antigos, mas não tanto assim<sup>6</sup>, conceitos. Outro ponto pertinente à cor das capas, é que o laranja estimula a liberação de oxigênio para o cérebro e estimula a atividade mental, e no léxico social das cores parece estar associado ao prazer, a sexualidade, e a ação, todas essas coisas tão pertinentes ao estudo da teoria queer e que discorrerei ao longo deste trabalho.

No decorrer desse artigo buscarei inicialmente apresentar uma explicação do que vem a ser o queer, abarcando além da etimologia do termo, também as correntes teóricas que vem a influenciar as pensadoras e pensadores dessa corrente teórica. Posteriormente, contextualizar Butler e Preciado, apresentando os termos que estruturam suas teorias, juntamente com uma apresentação do contexto histórico em que foram escritos esses textos. Por fim, estabeleço a inter-relação entre o pensamento das autoras e os seus desdobramentos para o queer.

## O QUE É O QUEER?

Me perguntam, os vários que desconhecem o termo, “O que é queer? ”. E essa foi a primeira dúvida que me ocorreu, “o que é o queer em termos teóricos?”. Como irei apresentar esse termo para as pessoas para além da sua associação com a diferença e o estranho? Pesquisei bastante, trouxe a etimologia, que apresentarei abaixo, e também busquei várias teóricas que se intitulavam queer e as que também não se intitulavam, como a própria Butler. A tentativa de definir o Queer parece ter ido por água abaixo. Percebo então que é justamente porque o queer não deve ser definido, não devemos buscar cerceá-lo, o queer é toda essa pluralidade de identidades, de viveres e prazeres, mas também todo o estigma e violência que vem como consequência por desafiar o instituído socialmente e aceito com “normal”.

O termo queer, segundo William Sayers em “A Etimologia de Queer”, já era usado no século XIV, no baixo alemão, com significado de estranho, peculiar, e também como algo questionável e que causa dúvida. O termo então foi sofrendo mudanças, e a partir do século XIX, passa a ser usado de maneira pejorativa para se referir às identidades de gênero e sexualidades não heterossexuais, justamente aquelas identidades que causavam dúvida e que pareciam

---

<sup>4</sup> Trato das duas autoras no feminino não por suas identificações de gênero no sentido usual, mas para além, como sugere Preciado, uso o feminino para desconstruir a relação intrínseca entre o masculino e o fazer ciência.

<sup>5</sup> Trago esse termo para abarcar todo o caráter normativo e naturalizado do modelo sexo/gênero heterossexual que busca limitar os corpos a determinadas identificações dentro de um léxico, e além disso a uma permanente oposição binária.

<sup>6</sup> Foucault, em *História da sexualidade*, mostra que a forma como conceituamos a sexualidade é bastante recente, vem com o advento da família burguesa e do capitalismo moderno.

colocar em cheque o modelo binário. Quando surgem os estudos gays e lésbicos e todos aqueles novos movimentos sociais, na década de 1980, o termo queer é então reapropriado, transformado, subvertido, dando nome a uma série de escritos<sup>7</sup>. Destaco um recorte de um trecho do panfleto “Queers leiam isso”, publicado pela Queer Nation em 1990:

“[O termo] ‘gay’ é ótimo. Ele tem seu lugar. Mas muitas lésbicas e homens gays acordam de manhã se sentindo enojadas, não gays [que também significa alegre em inglês]. Por isso escolhemos nos chamar de queer. Usar queer é uma forma de nos lembrarmos como somos percebidos pelo resto do mundo”

A teoria e a reapropriação do termo queer enquanto identidade e fazer ciência, surge então como uma política contra hegemônica, que se apropria de um termo, antes depreciativo, para lembrar de todo o estigma e abjeção sofrida por questionar o caráter normativo da heterossexualidade. Algo próximo do que alguns grupos no Brasil fazem, usando termos como bicha, sapatão, caminhoneira, traveco, para referir a si próprios e tentando ironizar ou evitar o estigma e violência.

O queer é a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, representam aqueles que buscam não se definir dentro de um padrão heterossexual, binário e normativo, que buscam pensar práticas/ identidades alternativas. (LOURO, 2004)

O queer é subversão, movimento e transformação do que se está instituído e que nos é reafirmado. Queer é também uma alternativa ao modelo heteronormativo e limitador das múltiplas identidades e dos múltiplos querereres. De acordo com Helder Maia, a partir das reflexões de Miskolci (2012) e Zizek (2008), as escrituras queer:

[...] seriam, portanto, perturbadoras da normalidade, dos territórios hegemônicos e da heteronormatividade, logo, elas não se colocam como discursos de tolerância, mas como discursos de afirmação da diferença, escrituras que, desterritorializando normas e convenções culturais, permitam a transformação tanto da cultura como do leitor. (COLLING, THURLER, MAIA, 2013)

O pensamento queer se estrutura a partir da teoria pós-estruturalista francesa, esta, por sua vez, procura modificar, negar ou transformar o estruturalismo, recusando as ideias de verdade, objetividade e razão, típicos de movimentos anteriores. Os teóricos queer se apoiam entre os pós-estruturalistas principalmente nos textos de Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Julia Kristeva e Judith Butler, além de outros teóricos dessa perspectiva, mesclando o pensamento científico e temas que tangem a arte e demais expressões culturais, muito semelhante ao que Nietzsche fazia. Já como teóricos queer posso citar Eve Sedgwick, David Halperin, esses muito próximos do pós-estruturalismo, como a própria Butler. Mais recentemente, como teóricos queer, vários que pude ler durante os anos de curso,

---

<sup>7</sup> Hoje em dia há uma variedade tão grande de trabalhos de teóricos/s queer com posições diferentes, às vezes convergente e às vezes divergentes, que poderíamos falar de "Teorias Queer" no plural. Porém, aqui uso no singular para frisar o que essas perspectivas têm em comum, como discutiremos mais adiante: um posicionamento contra a normalização (Halperin, 1995).

cito Beatriz Preciado, Steven Epstein, Larissa Pelúcio, Richard Miskolci, Berenice Bento, Leandro Colling, Helder Maia, Guacira Lopes Louro e tantas e tantos que criam essa escritura queer.

Uma questão final que posso evidenciar no fim desse capítulo sobre o queer, como já havia mencionado antes, é a dificuldade de definir não só o termo, mas o que caracteriza as teorias, já que se perpassam múltiplas vezes, e mais ainda, os teóricos, evidenciando esse caráter de mobilidade do pensamento e do saber.

## JUDITH BUTLER E PROBLEMAS DE GÊNERO

Judith Butler nasceu em 1956 em Cleveland, Ohio. Atualmente é professora no Departamento de Literatura Comparada na Universidade da Califórnia. Escreve o livro, *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade* em 1990, mesmo ano em que a homossexualidade é retirada do CID<sup>8</sup>, e momento em que o movimento homossexual brasileiro tem um grande crescimento e volta seus olhares para a prevenção do HIV/Aids, logo após o grande surto. Período também onde as drags queens aparecem com frequência, além dos bares, também, nas rádios e TVs. A drag queen é muito explorada pela autora, que apresentarei posteriormente, por revelar o aspecto de teatralidade do modelo heterossexual.

O texto explora uma série de temas e uma ampla bibliografia, mas tentarei me ater a alguns conceitos, que me parecem mais importantes para pensar o queer, tais como, identidade, sujeito, corpo, gênero, sexo, binarismo, heteronormatividade e performatividade e subversão.

Os problemas de gênero, título do livro, para a autora, não assumem um caráter negativo, como fica claro no prefácio, de tal forma que para ela, eles são inevitáveis e que devemos pensa-los como uma maneira de questionar os modelos normativos sexuais, as identidades limitadas, e toda a tentativa de normatização e cerceamento dos corpos. Podemos também analisar o título da obra em inglês, *Gender Trouble*, que pode sugerir, além daquela primeira tradução, um significado de perturbações de gênero, justamente o que as práticas não normativas acabam por ocasionar ao modelo heterossexual de sexualidade e expressão do desejo.

Logo no início do texto, Butler busca problematizar a concepção, daquela primeira onda do feminismo, de identidade feminina e do conceito de mulher. Para autora e para uma série de teóricas, o feminismo, na busca por representatividade, acaba por criar um conceito de mulher que tende a assumir um caráter universal e a partir daí deixa de representar as várias mulheres.

A categoria de mulher, oposta à de mulheres, representa então essa limitação da representação dentro do meio político quando se engessa ou reduz várias categorias a uma única, para, dessa forma, conseguir ser reconhecida na macroestrutura do poder e a partir disso buscarem suas reivindicações, porém como um todo uníssono. E além do mais, favorecendo, dentro das relações de poder do grupo de mulheres, aquelas que apresentam aqueles atributos tidos como característicos delas, inventando um tipo de mulher que está longe de contemplar todo o coletivo, e pior, que acaba por afastar as demais do movimento por não se sentirem representadas.

Por um lado, a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que

---

<sup>8</sup> Em maio de 1990, a Organização Mundial de Saúde, deixa de classificar a homossexualidade como transtorno mental no Código Internacional de Doenças.

revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres. (BUTLER, 2015)

A teórica, então, pensa o indivíduo não a partir de uma identidade metafísica, natural, estável e definida, como defendia as primeiras feministas, mas sim seu oposto, identidades desnaturalizadas e construídas a partir do discurso. Butler prefere pensar as identidades enquanto plurais e perpassadas por inúmeras interseções. A identidade do sujeito se faz a partir do discurso e daquilo que ele é capaz de fazer, porém, nem tudo é permitido se pensar ou fazer, já que há uma série de instâncias e limites dentro do discurso. Pensando o feminino a partir de um olhar pós-estruturalista foucaultiano, Butler escreve:

Foucault observa que os sistemas jurídicos de poder produzem os sujeitos que subsequentemente passam a representar. As noções jurídicas de poder parecem regular a vida política em termos puramente negativos – isto é, por meio da limitação, proibição, regulamentação, controle e mesmo “proteção” dos indivíduos relacionados àquela estrutura política, mediante ação contingente e retratável de escolha. (BUTLER, 2015)

Dessa forma, busca enfatizar a necessidade de desnaturalização das diferenças anatômicas e sua relação com as inscrições culturais, ou seja, uma necessidade de relação entre o sexo natural e o gênero e suas inscrições culturais sobre o sexo.

Porém a “Queen of queer”<sup>9</sup> revela que sexo/gênero assumem juntos um mesmo caráter, de atributos culturais que são inscritos nos corpos, dentro do discurso. A diferença se encontra na maneira como são representados: sexo sendo interpretado como pré-discursivo e o gênero enquanto pertencente a cultura e fruto do discurso sobre sexo pré-cultural. Ou seja, é definido se o indivíduo é um homem ou uma mulher, e partindo disso se inscrevem as características tidas como “normais” e pertencendo a cada uma daquelas categorias.

Porém, para Butler, não há algo pré-discursivo e anterior a cultura, isso porque nós somente conseguimos o ser social como tal dentro do discurso e do intercurso cultural e histórico. A teórica define sexo como as inscrições discursivas sobre os corpos a partir das noções de gênero e busca pensa-lo abrangendo as relações de poder que formatam aquela maneira de pensar o sexo enquanto natural.

Na conjuntura atual, já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas. Essa produção do sexo como pré-discursivo deve ser compreendida como efeito do aparato de construção cultural que designamos por gênero. (BUTLER, 2015)

As possibilidades dos múltiplos gêneros teriam sido então esvaziadas e transformadas em um binário, designado como sexo, partindo de aparatos reprodutivos que definem e cerceiam os corpos. Porém, os gêneros, pensando-os como objetos complexos, onde se perpassam inúmeros constructos e discursos e se inter-relacionam com as demais esferas que conformam a identidade: classe, etnia, sexualidade. Butler escreve:

---

<sup>9</sup> Rainha do queer ou rainha do estranho, termo que encontro no artigo de Larissa Pelúcio, 2014, referindo-se às maiores expoentes dessa teoria, e que aqui uso para fazer referência a Judith Butler.

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltipla convergências e divergências, sem obediência a um *te/os* normativo e definidor. (BUTLER, 2015)

As diferenças então entre os que se dizem homem ou mulher são então feitas no interior do discurso e é por ele criado. O gênero tem então um aspecto performativo, é produzido tentando obedecer a consonância com o sexo, mas é também subvertido por aqueles que busca modelar. Segundo a autora, o gênero é um feito, não por alguém, mas por si mesmo. Citando Nietzsche (1969 pg. 45) “Não há ‘ser’ por trás do fazer, do realizar e do tornar-se; o ‘fazedor’ é uma mera ficção acrescentada à obra – a obra é tudo.” (apud BUTLER, 2015, pg. 56)

Butler parece dizer então que o gênero se define a partir da assimilação dos saberes pelo indivíduo, das múltiplas realidades que são apresentadas a ele, das partes que assimila e que deixa de assimilar, das várias sobreposições desses saberes. Inúmeros são esses saberes que conformam o ser, que por sua vez, é também único e diferente de tudo que o influenciou sua formatação e que continuará se formatando. É nesse ponto que podemos pensa-lo, como aponta Judith Butler, como performatividade. Seres e saberes em constante transformação e nada estáveis.

[...] o gênero como performatividade. Se o gênero é um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido, a identidade é constituída pelas próprias expressões que supostamente são seus resultados. A performatividade é um ato que faz surgir o que nomeia e constitui-se na e pela linguagem. Apropriando-se do modelo foucaultiano de *inscrição*, Butler estabelece toda identidade de gênero como uma forma de paródia produzida nas relações de poder. A lei é incorporada e, como consequência, são produzidos corpos que significam essa lei sobre o corpo e através do corpo. Logo, os gêneros são apenas efeitos de verdade. (ROCHA, 2014)

Butler então evidencia um dos principais objetos usados pela teoria queer como maneira de destruir a normatividade sobre o gênero/sexo/desejo e as identidades. A performatividade desestabiliza o binário feminino/masculino que por sua vez são entendidos dentro de uma lógica heterossexual, criando uma heterossexualidade compulsória, onde os desejos devem ser obrigatoriamente direcionados ao oposto, assim como as duas categorias, de homem e de mulher, se baseiam em oposições e exclusões, um é o oposto do outro. Parecendo como que complementares, além de única forma de desejo ou única detentora de uma característica natural.

Além disso, o interno e externo, que configuram uma fronteira entre os corpos e uma definição de estabilidade, e as regras que limitam os corpos, aquilo que é aceito, práticas, desejos. Butler afirma que essa estabilidade e coerência sancionam o sujeito e diferencia do abjeto, ou seja, definem o sujeito “normal, cisgênero e heterossexual”, e aquele que é jogado para margem, que é rejeitado.

O abjeto, porém, questiona a concepção de coerência e única verdade daquele sujeito “normal”, uma vez que o sujeito da normalidade só pode existir por oposição ao abjeto, só pode se afirmar, por base naquilo que não é. Novamente se insere uma lógica binária opositiva entre hetero/homo, masculino/feminino.

Porém, parece existir uma referência aquela ordem do sexo/gênero, da oposição de homem e mulher. Dos papéis e das representações de gênero, da oposição entre passivo e

ativo, da *butch*<sup>10</sup> e da *femme*<sup>11</sup>. Da performance da travesti e da Drag, surge nos teatros isabelinos, na metade do século XVI, período em que as mulheres eram proibidas de representar nos palcos. Então homens vestidos como mulheres, “*drees in a girl*” que atuavam no papéis femininos nos teatros isabelinos no século XVI, e posteriormente, a Drag Queen como conhecemos, que remonta das décadas de 50 e 60, nos guetos gays estadunidenses.

As drags e as travestis, segundo Butler, revelam uma subversão, e para além, uma paródia do sexo, do gênero e da performance de gênero, há uma total descontinuidade entre os três. Há uma desconexão na relação dos constructos, travesti e drag, brincam, distorcem e ao mesmo tempo confundem o que é cópia e o que é original. Procura mostrar o quão cópia são também os gêneros que se apresentam como “naturais” (masculino e feminino). Esse conjunto de atributos são como “estilos da carne”, que não se permitem ser originais, pois apresentam uma história e essa os condiciona e mostra os léxicos possíveis, não sendo possível determinar um fundamento para os seres.

Consideremos o gênero, por exemplo, como um estilo corporal, um “ato”, por assim dizer, que tanto é intencional como performativo, onde “performativo” sugere uma construção dramática e contingente do sentido. (BUTLER, 2015)

O gênero, enquanto performance se permite transformar, modificar, subverter, sempre mostrando que não há nada de natural em sua conformação e muito menos uma verdade sobre si, a não ser aquela que é reiterada dentro da ordem do discurso, e que cria um falso natural e que marginaliza as práticas não normativas.

Os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados. Como portadores críveis desses atributos, contudo, eles também podem se tornar completa e radicalmente incríveis. (BUTLER, 2015)

Os corpos das drags, travestis, *butchs* e *femmes*, como todos os demais corpos abjetos, devem ser valorizados por representarem um pastiche do corpo “natural”. Nas palavras da autora, “[...] há um riso subversivo no efeito de pastiche das práticas parodísticas em que o original, o autêntico e o real são eles próprios constituídos como efeitos” (BUTLER 2015).

A partir de toda essa desconstrução teórica, Butler sugere que a tarefa para desestabilizar essa identidade ontológica, que é antes de tudo “[...] uma injunção normativa que funciona insidiosamente, instalando-se no discurso político como sua base necessária”. (BUTLER, 2015), está em como repetir e proliferar de forma radical, de maneira a afastar as normas que definem como deve ser o ato. Sugere uma retomada da luta política, pois é nela que os próprios termos são articulados, pensando os domínios inteligíveis e impossíveis a partir das práticas já existentes. Confundindo o binarismo do sexo e denunciando sua naturalidade. A autora sugere se usar dos corpos e para fazer política, um ser político, com um corpo político, que luta, não para ser assimilado, mas para desconstruir toda a lógica que tenta estabilizar o ser e suas possibilidades.

## PAUL BEATRIZ PRECIADO E O MANIFESTO CONTRASSEXUAL

---

<sup>10</sup> Lésbica com atributos masculinos, caminhoneira.

<sup>11</sup> Lésbica feminina, Barbie.

Neste capítulo, que aborda a obra de Paul Beatriz Preciado, vou além e contraponho as duas teóricas que fundamentam esse trabalho de conclusão de curso, apresentando os pontos em que as autoras se tangenciam e aqueles que parecem se opor, uma vez que Preciado se apoia muito sobre obra de Butler e apresenta uma série de contra proposições às análises da predecessora.

Paul Beatriz Preciado é professora de Teoria de Gênero e colaboradora no Programa de Estudos Independentes do MACBA<sup>12</sup>. Escreve o Manifesto Contrassexual em 2002 num momento em que a teoria queer já está bastante difundida e já representa uma multiplicidade de textos e conceitos. Neste mesmo momento, movimentos LGBTQTTI e queer adquiriram uma série de conquistas, mas também parecem perder aquele aspecto revolucionário do meio e fim do século XX.

A teoria queer e o manifesto contrassexual vêm, então, questionar a assimilação dos modelos heterossexuais, principalmente por parte do movimento gay, e sugerir pensar não só a performatividade de Butler, mas ir além e observar aquele *corpo ciborgue*<sup>13</sup> de Dona Haraway, um corpo marcado pelas tecnologias.

Preciado observa as modificações corporais e aponta seu olhar para o corpo e o prazer visando questionar o falocentrismo. No manifesto, a teórica tem como interesse desconstruir a estrutura de naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero. Busca primeiramente, a partir de Butler, desconstruir a associação sexo/gênero e sua inscrição como verdades nos corpos, que já observamos no capítulo que analisa a obra da autora estadunidense. E em segundo lugar, sugerir um novo contrato, esse que dá nome ao texto.

O contrato contrassexual, de Beatriz Preciado, propõe que os corpos são, antes de tudo, corpos falantes e reconhecem a si e aos outros dessa forma. Além disso, “[...] reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas” (PRECIADO, 2017). Dessa forma abandonam uma identidade fechada e naturalizada, como também, todos os benefícios que obtinham dessa naturalização em busca de promover a equivalência entre os corpos na busca pelo saber-prazer.

A contrassexualidade, como explica Preciado, deriva da ideia de contraproduzitividade, ou seja, produção de práticas alternativas aquelas dominantes. Dessa forma, o manifesto sugere que as práticas contrassexuais devem ser tecnologias de resistência servindo como uma contradisciplina sexual.

A contrassexualidade [...] define a sexualidade como tecnologia, e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominadas “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual”, bem como suas práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções, interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios [...] (PRECIADO, 2017)

A contrassexualidade de Preciado busca dar ênfase ao dildo como maneira de questionamento do sexo fálico e do constante entendimento por parte da psicanálise e da própria Butler, quando esta analisa os brinquedos sexuais, da tentativa por parte da categoria de homem em fazer o pênis se passar por falo. Falo é entendido enquanto representante de uma ordem

---

<sup>12</sup> Museu de Arte Contemporânea de Barcelona.

<sup>13</sup> Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção (Haraway, 1991).

simbólica de privilégio, associada a poder e desejo. Conseqüentemente o sexo heterossexual é classificado como sendo um sexo fálico, uma vez que privilegia um dos órgãos em detrimento dos outros. O pênis então busca o tempo inteiro estar próximo de um ideal fálico, que por sua vez não seria simples de ser alcançado. O dildo é entendido como suplemento, que surge como cópia do pênis, e do falo, mas acaba por substituí-lo. Porém, Preciado acrescenta uma crítica a essa visão psicanalista, o dildo, na visão da autora, ocupa um espaço entre o corpo e o objeto, como indicador da plasticidade do corpo, como já propõe Butler, e mais ainda, da capacidade de sofrer modificações prostéticas. Já o falo, em total oposição, para Preciado, não existe, é um equívoco epistemológico.

O dildo é retomado pela autora, que aprofunda sua característica de ser externo ao corpo e ao mesmo tempo poder se prender, ser plástico, transferível, e desestabilizar todas as relações de poder dentro da relação, criando uma horizontalidade e uma destruição do modelo de sexo heterossexual.

Desejo, excitação e o orgasmo são vistos por ela como produtos da sexualização dos corpos a partir de instituições linguísticas, médicas e domésticas. Essas instituições produzem os corpos e as áreas de prazer, seja por criação de tabus contra a masturbação, seja por supressão, por meio de aparatos, da masturbação nos casos em que o tabu não a impede. Posteriormente esses aparatos, para evitar a masturbação, serão analisados pela autora quando reapropriados para vir a produzir prazer dentro das práticas S&M.

Preciado se opõe a proposta de gênero performativo de Butler, atrelado ao discurso. A teórica estadunidense vê a performance Drag como base para o questionamento das identidades, onde a drag questiona e mostra que as identidades não passam de uma reiteração, baseada no discurso, que coloca para os corpos as barreiras que não devem transgredir, e para além, os léxicos que devem adotar.

A crítica de Preciado vem justamente sobre a característica discursiva do gênero. Ela acredita que as implicações estão além de serem somente discursivas, estão atreladas às modificações possibilitadas por meio das tecnologias, e ainda, sobre as tentativas sociais para tentar evitar o questionamento desse sexo tido como padrão, ou seja, as atitudes de abjeção, violência, silenciamento daquelas e daqueles que, mesmo se apoiando sobre o padrão binário (masculino/feminino), não se sentem enquadrados naquela designação primeira (homem/mulher), o que é chamado no meio médico como disforia de gênero. Que podemos entender como uma identidade baseada na oposição aquele tal “sexo/gênero” biológico que se é designado no nascimento em associação as características morfofisiológicas e com puro caráter reprodutor. Como exemplo, um homem cisgênero (sexo masculino) que psicologicamente se entende como mulher transgênero (sexo masculino e gênero feminino).

Para além da análise das tecnologias impressas sobre os corpos abjetos, a teórica chama atenção para as tecnologias (linguísticas, médicas e domésticas) a que também estão submetidos os corpos heterossexuais, para serem também moldados por meio do discurso ou de intervenções médicas para que os corpos se apresentem em conformidade aquela designação primeira, “é menino/menina”, de maneira a estabilizar os corpos e o gênero.

Porém, como observamos anteriormente, os corpos travestis e transgêneros acabam por tencionar o modelo de estabilização ao propor uma análise de seus corpos e identidades contrárias a descrição médico-legal. Novamente, como propunha Butler, a forma como o sistema sexo/gênero é estabelecido e como é importante questioná-lo, e para além, como sugere Preciado, pensar sua formação baseada tanto no discurso como nas práticas.

Butler, ao acentuar a possibilidade de cruzar os limites dos gêneros por meio de performances de gênero, teria ignorado tanto os processos corporais e, em especial, as transformações que acontecem nos corpos transgêneros e transexuais, quanto as

técnicas de estabilização do gênero e do sexo que operam nos corpos heterossexuais. (PRECIADO, 2017)

Parece que em Butler, a partir dos estudos de Foucault, o corpo se permite ser o que quiser, e que a alma, essa como, moldada pelo poder está a limitá-lo, a prendê-lo e a defini-lo de acordo com definições, que de forma mais simplista penso que são, opostas a que se é. Butler sugere que o corpo se limita apoiado sobre "(...) uma série de exclusões e negações, ausências significantes". O corpo é um trânsito entre o interno e o externo, entre o eu e o outro. A alma por sua vez assume o papel de limitar e aprisionar o corpo, o poder que age sobre o corpo e que é formatado por um outro poder. Esse penso que pode estar associado ao poder de coercitividade social e de uma cultura imposta ao indivíduo, que a recebe, não passivamente, como a teórica deixa claro. Ou seja, se o corpo se permite, ele então está livre para interagir com as mais diversas tecnologias sexuais e com os demais recortes.

Se a "causa" do desejo, do gesto e do ato pode ser localizada no interior do "eu" do autor, então as regulações políticas e as práticas disciplinares que produzem esse gênero são de fato deslocadas, subtraídas à visão. (...) A noção de uma identidade original é frequentemente parodiada nas práticas do travestismo e na estilização butch/femme. (BUTLER, 2015)

Butler aponta que essas práticas subvertem, nas palavras da autora, "fazem pastiche" com os atribuições sexuais normativas, que como vimos, não são estáveis, permitindo então que nessa ação performativa se questione quem está vindo a assumir o papel imitativo e aquele papel que inspira tal ação. Sugiro um exemplo de pastiche, o caso das drags, que poderiam vir a ser chamadas de imitadoras das mulheres, mas as quais, em oposição, são as inspiradoras, através de toda a sua relevância e papel no entretenimento, criando um conjunto expressivo de bordões e referenciais à comunidade heteronormativa.

O ponto que parece mais central é, justamente, mostrar as interseções entre os vários constructos e as reiteradas mudanças que sofrem esses atributos, que observados a partir de uma ótica sociológica, são condensados e vem a formar um preconceito, não de forma depreciativa ou violenta inicialmente, mas podendo vir a assumir esse efeito, questão que Preciado dá mais relevância, visando a sujeitar determinados grupos a posições ou lugares no meio social. A partir desse ponto, Preciado parece assumir uma visão mais crítica, abarcando para além das tecnologias, que devem ser usadas para libertação, também a violência, levadas ao máximo em lugares como o Brasil, para sujeitar transexuais, travestis, não binários, a manterem seu status e continuarem em constante abjeção. Preciado analisa o caso de Venus Xtravaganza utilizado por Butler para sugerir a noção de performance de gênero e identidade performativa.

Venus já iniciou um processo de transexualidade prostética, e vive de um trabalho de prostituição sexual no qual utiliza tanto seus seios de silicone como seu pênis "natural", esquecendo, finalmente que Venus não é um (a) cidadão (ã) branco (a) americano (a), e sim um travesti de cor de origem latina. Por fim, além de todo efeito previsível da violência performativa, Venus será assassinada em Nova York por um cliente, tomando ainda mais crua a realidade que Butler havia ignorado. (PRECIADO, 2017)

Preciado parece trazer uma carga de materialidade para os corpos, dando bastante foco nas questões das transformações das transexuais e travestis. E ainda localiza esse corpo dentro do modelo capitalista. Esse ser pós-humano, marcado pelo advento da urbanização, e das tecnologias, representa um intermediário entre o humano e a máquina, que a autora chega a

chama de máquinas sexuais. Esses corpos tentam reformular a identidade por meio de incorporações prostéticas, alterando e questionando aquele aspecto de “naturalidade”. E a partir disso, fazendo com que o modelo que tencione de tal maneira que tenta de forma violenta silenciar os corpos, como no caso de assassinato de Venus.

A teórica espanhola evidencia as distintas “práxis da resistência”, baseada em Foucault, que se apropriam das violentas formas de evitar o prazer sexual, que de certa forma abordei de maneira simplista anteriormente, criando inúmeros mecanismos discursivos e tecnológicos, que posteriormente, são apropriados por grupos, sofrendo subversões. Ela cita como exemplo as práticas S&M e todas as demais que fundem os aparatos que visavam evitar a masturbação, *self-control*<sup>14</sup>, ou curar a histeria, nas mulheres, ou a disfunção erétil, nos gays. Preciado considera esse conjunto médico e linguístico (*self control* e intervenção médica) como possíveis formadores de uma genealogia do orgasmo.

Preciado busca dar ainda mais importância as modificações prostéticas e a possibilidade de subverter o corpo, de recriar, refazer o corpo. Ainda chama atenção para os novos modos de prazer e nas possibilidades de se reinventar as relações interpessoais confundindo as posições de poder, como ficou claro anteriormente na sua análise sobre o dildo, e também se faz presente em todas as práticas contrassexuais citadas e analisadas ao longo do Manifesto Contrassexual, que não pude aprofundar, ficando só algumas poucas alusões.

## O CU: POLÍTICAS ANAIS E ADAPTAÇÃO PROSTÉTICA

Uma vez que o trabalho leva o título “Do Queer ao Cu: Inter-relação entre Judith Butler e Paul Beatriz Preciado”, para concluir esse trabalho acho bastante produtivo, ou contraprodutivo, nas palavras de Preciado, abordar as políticas e práticas do cu, ou seja, essa adaptação prostética do queer ao contexto latino-americano que se constituem como saberes e políticas anais.

Aqui, busco enfatizar como a obra das duas teóricas abordadas podem continuar a contribuir como de toda a escritura queer internacional, para o contexto brasileiro. De forma a continuar a fomentar o estranhamento das práticas de assimilação social, como exemplo, a institucionalização das práticas homossexuais, ou seja, seu enquadramento dentro do lócus social, não que isto seja ruim, porém claramente vindo a favorecer uma prática homossexual, branca, burguesa e cidadina, as políticas anais devem então ser usada para continuar a perturbar essa característica de “naturalização” e pré-discursiva que parece voltar a rondar as práticas homossexuais.

O queer e o cu não devem ser tolerados, mas ocuparem esse espaço de constante embate performático e prostético. Daí surge o objetivo de promover as políticas anais para ocupar os campos de discussão e de produção do saber e continuar a questionar as hierarquias sociais, se apresentando sempre como um saber crítico.

Tomando emprestada as palavras Wesley Carvalho Sasso e Marinês Ribeiro dos Santos, em um anal para o Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, em que falam de Preciado e sua afirmação, retomando Guy Hocquengem, da “[...] importância dos saberes produzidos pelos sujeitos considerados desviantes a norma, e que não devem deixar a escrutínio de terceiros falar sobre sua própria realidade”. Ou seja, os desviantes se colocam sempre a questionar e desestabilizar os modelos que buscam estabilizar os corpos, desejos e prazeres, saberes, de maneira a tentar privilegiar um modus operante ou um

---

<sup>14</sup> Está associado, durante os séculos XIII E XIX, deixando alguns resquícios até à atualidade, ao autocontrole para evitar a masturbação e perversão do corpo e posteriormente o gasto desnecessário de energia vital, *self afecção*, que poderia ser usada no modelo capitalista de produção ou na reprodução da espécie humana.

determinado discurso. Essa, ao meu ver, é a melhor definição sobre qual o papel da teoria queer e como podemos, de alguma forma, prostética, coloca-la em pauta no Brasil de maneira a também apresentar uma crítica aos seus possíveis usos e desusos, mas sempre valorizando uma desconstrução e um reinventar do sujeito.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2015.

PRECIADO, Beatriz. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo, n-1 edições, 2017.

LOURO, G. L. O corpo educado: pedagogias da sexualidade, [s.l.]. Autêntica, 2004.

LOURO, G. L. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer, [s.l.]. Autêntica, 2010.

LOURO, G. L. Teoria Queer - Uma política pós-identitária para a educação. Estudos Feministas, p. 541-553, jul.-dez. 2001.

MISKOLCI, Richard. Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças, São Paulo. Autêntica, 2012.

COLLING, Leandro; THURLER, D.; MAIA, H. T. C. Constelações Queer ou Por uma Escritura da Diferença. In Leandro Colling; Djalma Thurler. (Org.) Estudos e Políticas do CUS: Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade. 1ed. Salvador. Edufba, 2013, v. 1, p. 219-236.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo I. Fatos e Mitos, São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1970.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano/organização e tradução Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2009. – (Mimo)

LEWIS, E. S. Não é uma fase: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. 2012. f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2012.

ZAVAGLIA, Claudia. Dicionário e Cores. Alfa. São Paulo, n. 50 (2), p. 25-41, 2006.

FACCHINI, Regina. Histórico da luta de LGBT no Brasil. pré.univesp. Jaguaré, n. 61, dez.-jan. 2017.

HADDOCK-LOBO, Rafael. Preciado e o pensamento da contrassexualidade (Uma prótese de introdução). Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v.9 n° 2, p. 77-92, 2016.

PEREIRA, P.P.G. Body, sex and subversion: reflections on two queer theoreticians. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.12, n.26, p.499-512, jul.-set. 2008.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil. *Periódicus*, Bahia, v. 1, e. 1, mai.-out. 2014.

CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. *Poiésis*. Rio de Janeiro, n. 15, p. 47-72, jul. 2010.

ROCHA, Cássio Bruno Araújo. Um pequeno guia ao pensamento aos conceitos e à obra de Judith Butler. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 43, p. 507-516, Dec. 2014.

SASSO, Wesley Carvalho.; SANTOS, M. R. O Cu em foco: Uma abordagem sobre o ânus como objeto de desejo sexual nas fotografias homoeróticas do projeto "Chicos". Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

FÁBIO, A. C. De onde vem o termo queer, tema de mostra cancelada em Porto Alegre. São Paulo, Brasil. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br>>, Acesso em: 14 set. 2017, 19:27:12.

SAYERS, William. The Etymology of Queer. [S.l.], UK. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com>>, Acesso em: 24 out. 2017, 20:42:15.

FÁBIO, A. C. A trajetória e as conquistas do movimento LGBT brasileiro. São Paulo, Brasil. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br>>, Acesso em: 24 out. 2017, 20:50:31.